



Resultados do levantamento participativo de Quintais Agroflorestais do Mosaico Gurupi (MA/PA)

Participatory survey of agroforestry homegardens in the Gurupi Mosaic (MA/PA)

VIGNOLI, Clara¹, MILLER, Robert¹, PEDREIRA, Jessica¹, CRUZ, João Guilherme¹, ANDRADE, Andreza¹, YOSHIDA, Caroline¹

¹ Instituto Sociedade População e Natureza – ISPN, robert@ispn.org.br, clara@ispn.org.br, jessica@ispn.org.br, joão@ispn.org.br, andreza@ispn.org.br, caroline@ispn.org.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Biodiversidade e Conhecimentos das/os Agricultoras/es, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O Mosaico Gurupi, composto por seis terras indígenas e uma unidade de conservação, guarda o último remanescente de floresta amazônica do estado do Maranhão. Os quintais agroflorestais estão associados à gênese da agricultura na região Amazônica. Por meio de um levantamento participativo e do diálogo de saberes, cursistas “*Do Quintal à Paisagem: Formação em Agroflorestas, Restauração e Gestão Integrada*” contribuíram para uma caracterização inicial da composição dos quintais do Mosaico Gurupi. Os quintais do Mosaico Gurupi possuem múltiplo uso (criação de animais, frutas e medicinais), e foram contabilizadas 78 espécies arbóreas e 39 herbáceas, plantadas ou cuidadas, entre nativas e exóticas. Essas espécies são um ponto de partida para ações de incentivo a quintais agroflorestais como estratégias de bem-viver, como também para iniciativas de restauração agroflorestal no Mosaico Gurupi.

Palavras-Chave: etnobotânica, áreas protegidas, gestão territorial e ambiental.

Contexto

O Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) deu início em 2021 ao projeto “*Paisagens Indígenas*” com o objetivo de contribuir com as estratégias de gestão ambiental e territorial indígena no Mosaico Gurupi (MA/PA) e no Território Timbira (MA/TO). O projeto oferece o curso “*Do Quintal à Paisagem: Formação em Agroflorestas, Restauração e Gestão Integrada*”, propondo abordar agroflorestas e outros temas por meio do diálogo de saberes, no qual a ciência convencional encontra as realidades das comunidades, suas tradições agrícolas e suas formas de organização social.

O Mosaico Gurupi está localizado em uma das dez áreas mais críticas de desmatamento na Amazônia brasileira, com sérias ameaças à biodiversidade, aos serviços ambientais e aos direitos de povos indígenas e comunidades tradicionais. O Mosaico é formado por um conjunto de áreas protegidas, sendo estas: Rebio Gurupi (MA), Terra Indígena (TI) Alto Rio Guamá do povo Tembé (PA/MA), TI Alto Turiaçu dos povos Ka’apor e Awá (MA), TI Caru dos povos Guajajara e Awá (MA), TI Awá do povo Awá (MA), TI Rio Pindaré do povo Guajajara (MA) e TI Arariboia do povo Guajajara. As TIs Caru, Awá e Arariboia registram ainda a presença de grupos indígenas da etnia Awá-Guajá em isolamento voluntário.



As pressões do desmatamento e da degradação ambiental causadas pelas ações de madeireiros, fazendeiros, caçadores e pescadores atingem, direta e indiretamente, as TIs e a Rebio, resultando na degradação de paisagens com a perda de recursos naturais, serviços ambientais, conflitos e violência (CELENTANO ETAL., 2018).

Na Amazônia, o cultivo de árvores é uma prática associada aos primórdios da agricultura na região, e hoje os quintais agroflorestais são importantes não só como fonte de alimentos e outros produtos, mas também como locais de experimentação, como laboratórios para experienciar novas culturas e técnicas e de propagação de germoplasma, representando nexos em redes de circulação da agrobiodiversidade (LEITÃO-BARBOZA ETAL., 2021). O termo “agrofloresta”, portanto, é um nome novo para algo muito antigo, contendo uma dimensão sociocultural que reflete contextos, origens e histórias locais e regionais diversas.

Descrição da Experiência

Os participantes do curso foram selecionados pelas lideranças locais e organizações de base, totalizando trinta representantes das terras indígenas inseridas no Mosaico Gurupi, representantes do MST e quilombolas do Quilombo da Onça, e ainda, do território Timbira mais ao sul (MA e TO). A base metodológica do curso baseia-se no método de concentração e dispersão e alternância de atividades teóricas e práticas, no tempo e espaço e na construção dialógica coletiva (diálogo de saberes), em que a experiência do participante conta tanto quanto o conhecimento do instrutor facilitador (LEFF, 2009).

O curso iniciou, no seu primeiro módulo, explorando a temática dos quintais agroflorestais e, para o período entre módulos, cada cursista teve como tarefa realizar o levantamento de um quintal. Para isto, os cursistas utilizaram as seguintes ferramentas pedagógicas: 1) roteiro para levantar e descrever as espécies e o uso das plantas do quintal e 2) desenho livre do quintal (croqui).

Os participantes tiveram dois meses para realizar o levantamento e os resultados foram apresentados no segundo módulo, por meio da troca de experiência entre grupos de até cinco pessoas. As informações coletadas foram sistematizadas, possibilitando um panorama inicial de quintais no Mosaico Gurupi e região.

Resultados

Ao todo foram levantados vinte quintais agroflorestais, e embora seja uma amostra pequena em relação ao universo do Mosaico Gurupi, representa um olhar sobre a realidade de diversas terras indígenas e de agricultores familiares da região. O levantamento dos quintais indicou sua importância como espaços de múltiplos usos, incluindo a criação de animais (galinhas, porcos, patos), complementação alimentar e cultivo de plantas medicinais (Fig.1)

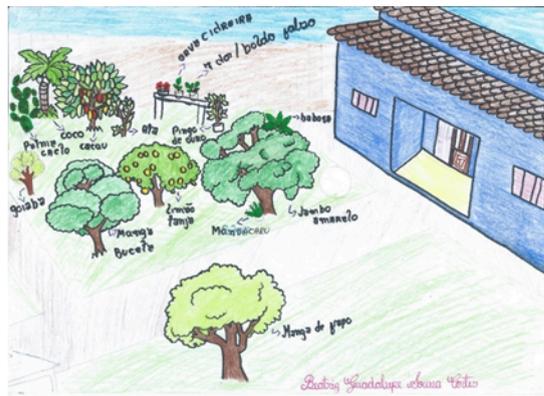
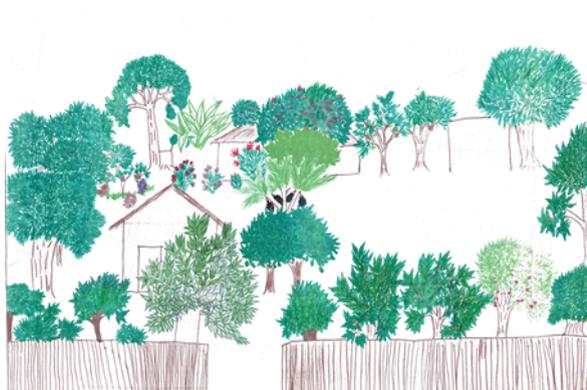


Figura 1: Croqui de quintais agroflorestais: À esquerda, quintal da aldeia Juçaral, TI Arariboia, artista: Graciara Berto Guajajara. À direita, quintal na REBIO Gurupi, artista: Beatriz Guadalupe.

Espécies plantadas nos quintais

Nos 20 quintais levantados, foi registrada a ocorrência de 78 espécies de árvores. Nove espécies (açai, limão, manga, coco, laranja, acerola, abacate, goiaba e cupuaçu) são comuns a mais de 50% dos quintais (Fig.2). Outras 12 espécies (caju, tamarindo, tangerina, cajá, cuieira, ingá de metro, jenipapo, urucum, bacaba, cacau, café e jambu) foram registradas em mais de 25% dos quintais. Essas espécies formam um grupo básico de espécies frutíferas, algumas nativas, que ajudam na segurança alimentar das famílias.

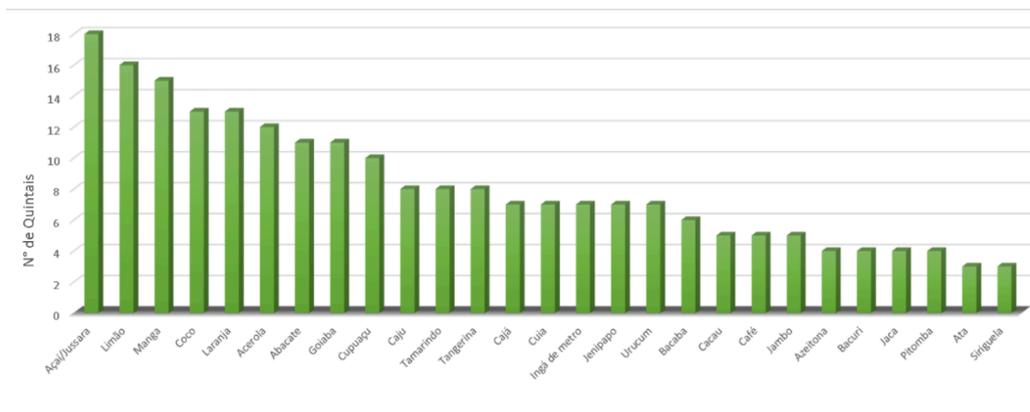


Figura 2: Frequência de ocorrência de espécies plantadas nos quintais, em amostra de 20 quintais; ocorrência em pelo menos 3 quintais.

Espécies “cuidadas” nos quintais

As espécies “cuidadas” são aquelas que surgem voluntariamente de sementes descartadas após o consumo das frutas ou que se dispersaram por meio de agentes naturais como pássaros, vento etc. Suas mudas são reconhecidas na hora de limpezas dos quintais e são poupadas. Embora a espécie mais frequente nessa categoria das “cuidadas” seja o tuturubá, cujo fruto é muito apreciado para o



consumo humano, é interessante observar que o ipê, angico, cedro e angelim, espécies de uso principalmente madeireiro, também recebem destaque (Fig. 3).

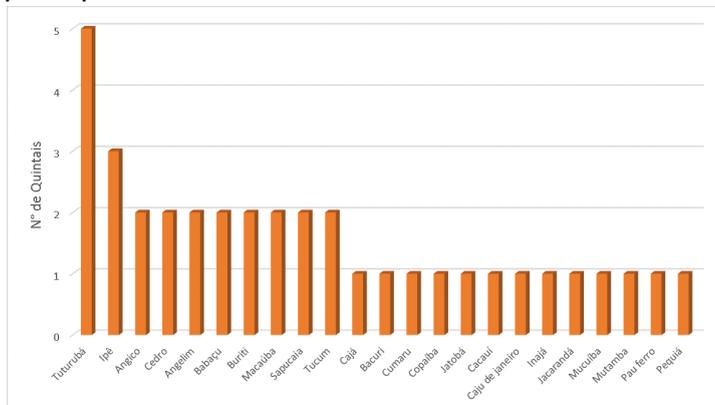


Figura 3: Frequência de ocorrência de espécies “cuidadas” nos quintais.

No cruzamento dos dados sobre as espécies encontradas nos quintais, observamos que há uma categoria de espécies nativas que tanto são plantadas como “cuidadas” (Fig. 4). Essas representam uma lista inicial de árvores com potencial para plantios mais amplos em iniciativas de restauração, pois são espécies importantes para as populações indígenas e agricultores familiares, seja para frutas ou madeiras.

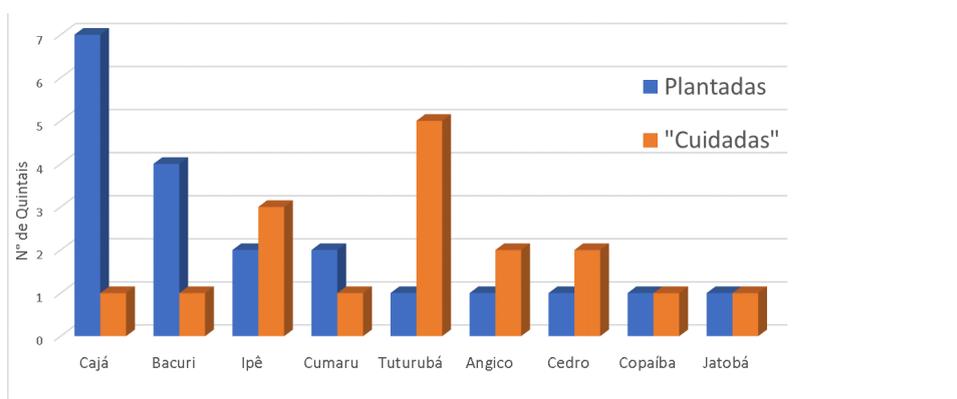


Figura 4: Frequência de espécies que tanto são “cuidadas” como plantadas nos quintais.

Plantas não-lenhosas nos quintais agroflorestais

Além das árvores, os cursistas também registraram a ocorrência de 39 espécies de plantas não-lenhosas nos quintais, sendo que as espécies de maior frequência foram: banana, abacaxi, mamão, gengibre, boldo e maracujá. Embora a listagem não reflita toda a riqueza das plantas não-lenhosas que podem ser encontradas nos quintais, indica plantas importantes na alimentação (banana, abacaxi e mamão) e saúde (gengibre e boldo).



Conclusões

Os quintais agroflorestais são uma prática muito difundida na região do Mosaico Gurupi e, especialmente nas comunidades indígenas, representam um encontro do espaço domesticado, no arredor dos lares, com a floresta. Várias espécies nativas da floresta são preservadas quando nascem nos quintais, como também podem ser plantadas, e representam um potencial para restaurar paisagens degradadas.

O levantamento participativo de espécies como método reforça a importância do conhecimento local e vivencial na investigação de soluções para ações de restauração. Ações que estejam integradas às comunidades e que contenham espécies com valor de uso e valor cultural podem ter mais sentido e propósito para o sucesso no cultivo e cuidados com as plantas.

As árvores podem gerar alimentos, materiais, serviços ambientais e renda, mas seu cultivo ou manejo representa investimentos de tempo, mão-de-obra, espaço e dinheiro, que nem todo agricultor tem disponível. São necessários, portanto, programas eficazes e duradouros que apoiem esses investimentos por parte dos agricultores, para que iniciativas de restauração agroflorestal ganhem maior escala.

Agradecimentos

À Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento – NORAD pelo apoio financeiro ao projeto *Paisagens Indígenas*. Aos cursistas: Akadjuricha Ka'apor, Amadeus Santos, Amanda Guajajara Ana Clara, Ana Paula, Antonio Filho Guajajara Neto, Antonio Guajajara Filho, Arlison Oliveira, Beatriz Guadalupe, Cecília Tembê, Cíntia Guajajara, Diego Apnaje, Edna Tembê, Erick Crow'Hu Gavião, Graciara Guajajara, Iracadju Ka'apor, Janaina Caragiu Guajajara, João da Cruz, Jose Guajajara, Laria de Melo, Lohana Torquato, Manoel Guajajara, Maria Sales, Mariana Ropczyj Milhomem, Marimy Guajá, Marina Cintia Guajajara, Paulo Guajajara, Regina R. da Costa, Rosilene A. Tembê, Severino C. Guajajara, Shirley da C. Vieira, Simião Maranhão, Taynara Guajajara, Thayna, Tembê, Valdeir Tembê, Valdir Hopara Krahô.

Referências bibliográficas

CELENTANO, Danielle et.al. Desmatamento, degradação e violência no “Mosaico Gurupi” – A região mais ameaçada da Amazônia. **Revista Estudos Avançados**, v.32 (92), p. 315-339, 2018.

LEFF, ENRIQUE. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e realidade**, v. 34, n. 03, p. 17-24, 2009.



LEITÃO-BARBOZA, Mirian. S. et.al. Open air laboratories: Amazonian home gardens as sites of experimentation, collaboration, and negotiation across time. **Journal of Anthropological Archaeology**, 62, 101-112, 2021.